

PONCIÁ, PRESENTE!: A VOZ DA NEGRITUDE E O RECORTE DA HISTÓRIA SOCIAL DE SEUS ANCESTRAIS

Rubenil da Silva Oliveira¹
Luís Fernando Lima Camelo²
Jaqueline Cunha Gonçalves³

RESUMO

O presente artigo resulta da discussão sobre os elementos da ancestralidade e história pelo povo escravizado no romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Obra que apresenta as configurações identitárias no período de pós-escravidão, por meio da ligação entre presente e passado e da representação simbólica dos ancestrais da personagem Ponciá. Temos como aporte teórico considerações sobre o romance histórico, perpassando por Calvino (2009), Franchetti (2002), White (1994), Santos (1983), Almeida (2021), Kilomba (2020), Ribeiro (2019), entre outros. Assim, verificou-se também que apesar de Ponciá pouco falar, o seu corpo está sempre em contato com a ancestralidade do Vô Vicêncio.

Palavras-chave: História, literatura, *Ponciá Vicêncio*, ancestralidade.

Introdução

A seguinte pesquisa analisa a importância do estudo do romance *Ponciá Vicêncio* (2018), de Conceição Evaristo, e sua caracterização no *corpus* da literatura afro-brasileira. A obra é significativa no contexto de apresentar as dificuldades dos descendentes de escravos, e principalmente a importância para a compreender a história

¹ Doutor em Letras – área de concentração em Estudos Literários (UFPA). Professor Adjunto I de Literaturas de Língua Portuguesa (UFMA). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB). Líder do Grupo de Pesquisa em Literatura, Negritude e Diversidade (GEPELIND). Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Literatura, enunciação e cultura (LECULT). E-mail: rubenil.oliveira@ufma.br

² Graduado em Letras/Português (UEMA); Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas pela - Fundação Universitária do Tocantins, UNITINS. Especialista em Metodologia do Ensino na Educação Superior pelo - Centro Universitário Internacional, UNINTER. Cursando Mestrado em Letras pela UFMA - Universidade Federal do Maranhão. Membro do grupo de pesquisa LECult - Literatura, Enunciação e Cultura: Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura, Negritude e Diversidade (GEPELIND); E-mail: luisfernando040588@gmail.com

³ Graduada em Letras/Português (UFMA); Mestranda em Letras, área de concentração – Literatura, linha de pesquisa – literatura, cultura e fronteiras do saber. Programa de Pós-graduação em Letras Bacabal (PPGLB), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências, Educação e Linguagens (CCEL); Bolsista Capes; E-mail: jaqueline.goncalves@discente.ufma.br

dos negros e seus impactos. O estudo sobre as consequências da escravidão é fundamental para compreendermos aspectos presentes na temática negra no Brasil e que são identificadas dentro do *corpus*.

O período escravocrata contribuiu para a anulação do povo negro, pois este deixa de ser visto como dono de si, do seu corpo, o que resulta em uma formação identitária carregada de estereótipos e preconceitos, inclusive estabelece uma imagem marginalizada do negro. Entende-se que o discurso literário é o resultado de análise estabelecido da interação social, bem como o discurso histórico, o qual nos permite compreender a história, e faz-nos perceber as possíveis representações do passado e reflexos do presente, como dito em: “Com efeito, pode-se afirmar que, assim como não pode haver explicação na história sem uma estória, também não pode haver estória sem um enredo por meio do qual ela seja convertida num tipo particular de estória” (WHITE, 1994, p.79).

Assim sendo, o texto de Conceição Evaristo conta a história da personagem título, traçando esperanças, memórias, encontros e desencontros, de uma identidade afro-brasileira bastante presente, bem como os vestígios do período escravocrata. Desta forma, literatura e história contribuem não só para o debate, mas para o aspecto de denúncia social.

A obra atribui aspectos estigmatizantes para denunciar a exclusão social sofrida pelos afrodescendentes. Investigar os aspectos étnicos, sociais e de gênero visíveis em Ponciá Vicêncio contribuem para uma reflexão primordial sobre esses problemas, uma vez que o texto desenvolve trechos sistematizados a esse respeito. Por sua vez, é essencial considerar que os elementos aqui apresentados integram uma obra de ficção, embora se possa fazer um paralelo entre história e literatura, a última não se compromete com a reprodução exata dos aspectos sociais, trata de uma representação de mundo que pode parecer real.

Desta forma, entende-se que a relevância desta pesquisa está em poder compreender o diálogo entre o texto literário com as experiências vividas, exigindo uma consciência do seu lugar e suas especificidades na sociedade enquanto povo negro, debatendo de maneira engajada, a questão negro-brasileiro diante da permanência das exclusões, preconceitos, segregações e marginalizações.

Nesta perspectiva, assevera-se que “os propósitos da história são variados, mas um deles é prover aqueles que a escrevem ou a leem de um sentido de identidade, de um sentido de sua origem” (BURKER APUD SHARPE, 2011, p. 58). No primeiro capítulo da narrativa, deparamo-nos com a personagem Ponciá Vicêncio relembrando a triste história de seu avô Vicêncio. Ele foi escravo e acabou sendo liberto pela “Lei Áurea” e seus filhos nasceram após a Lei do Ventre Livre. Porém, a servidão e o racismo mantiveram-se mesmo após a “libertação”. Enquanto escravizado, ele tentou assassinar sua família e a si próprio para acabar com os tormentos e sofrimentos de todos.

Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. Estava louco, chorando e rindo. Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou com ele independente do seu querer. Quiseram vendê-lo. Mas quem compraria um escravo louco e com o braço cotó? Tornou-se um estorvo para os senhores. Alimentava-se das sobras. Catava os restos dos cães, quando não era assistido por nenhum dos seus. Viveu ainda muitos e muitos anos. Assistiu chorando e rindo aos sofrimentos, aos tormentos de todos (EVARISTO, 2018, p. 44-45).

A narradora do romance nos apresenta um homem atordoado pela condição de escravizado – o Vô Ponciá que tresloucado mata a mulher e tenta suicídio enquanto forma de não mais se deixar escravizar. Nisso se percebe que a autora se vale da personagem como estratégia para fazer lembrar dos sofrimentos impostos ao negro escravizado, além disso da ausência de benefícios sociais àqueles que perderam a razão, foram enlouquecidos ou se tornaram inválidos pela força do sistema escravocrata sobre eles. Assim sendo, a narrativa desenvolve-se pela trajetória da personagem na história, e no discurso que se cria em volta da herança deixada pelo Vô Vicêncio para a menina Ponciá, ou seja, uma imagem do passado escravocrata dela. Em vista disso, pode ser afirmado que:

[...] numa obra literária, vários níveis de realidade podem apresentar-se ainda que permaneçam distintos e separados, ou podem fundir-se, soldar-se, misturar-se, encontrando uma harmonia entre suas contradições ou formando uma mistura explosiva (CALVINO, 2009, p. 48).

Fazendo um paralelo com a obra em questão, verifica-se que o material histórico-literário se define como uma operação da linguagem e, por isso, implica a

realidade. Dessa forma a pesquisa reflete as experiências da memória dos personagens escravizados em destaque, principalmente da protagonista Ponciá. Enfim, a partir de análises da escrita de Conceição Evaristo é importante ressignificar alguns conceitos e concepções historicamente construídos, além das proposições de intervenções frente aos resultados apresentados.

A escrita da história e a herança dos escravizados

Toda história é contada sob o ponto de vista de um sujeito, ele pode contar a si ou testemunhar o acontecido com o outro para narrar depois e, isto não aconteceu apenas com as narrativas históricas, mas também com as narrativas literárias. Neste sentido, a história dos escravizados foi escrita por um terceiro, geralmente, branco e descrevia ao negro com o olhar do maldito, do apócrifo, preguiçoso, capaz de se mutilar por não aceitar o trabalho como acontecera com o Vô Ponciá. No tocante à tradição, aos costumes ancestrais como a religiosidade, os negros tiveram que sincretizar, do contrário, a religião dos seus ancestrais não seria aceita, uma vez que era considerada demoníaca, servia para o mal, para matar os seus senhores como presentificado no romance *As vítimas algozes*, de Joaquim Manuel de Macedo. Por outro lado, a oportunidade de o negro contar a si, sobre seus ancestrais só toma forma a partir do século XIX, ainda que timidamente e se consolida na segunda metade do século XX e isso nos faz lembrar que:

A história vista de baixo ajuda a convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar. Mas também, com o passar dos anos, vai desempenhar um importante papel, ajudando a corrigir e a ampliar aquela história política da corrente principal que é ainda o cânone aceito nos estudos históricos britânicos (BURKER *apud* SHARPE, 2011, p.62-63).

Importante frisar essa concepção de Burker *apud* Sharpe (2011) para salietarmos acerca do resgate das vivências do passado, como também da complexidade de reconstruir e aplicar contextos para a compreensão da temática em estudo, trazendo assim aspectos historiográficos que se preocupa com as minorias, neste caso a população negra escravizada e silenciada por muito tempo. Foram os escravizados que construíram os propósitos da história do Brasil, e principalmente construíram mediante processo memorialístico, uma vez que eram previamente deixados de fora da história.

88

Ainda segundo Burke, “a maior parte da história das mulheres tem buscado de alguma forma incluir as mulheres como objetos de estudo, sujeitos da história” (BURKE, 2011, p.77). Deste modo, justifica refletir acerca da escrita negrofeminina contemporânea de Conceição Evaristo, atentando para o seu papel de escritora negra e intelectual engajada na luta por transformação social e histórica, possibilitando assim ampliar as referências e as discussões acerca do tema que carrega em si uma grande relevância social. Fazendo um paralelo a isso, White (1994) pontua também que as narrativas históricas não correspondem à mera reprodução dos fatos, mas servem de ícone ou metáfora que nos ajudam a ler a tradição literária.

Na história do romance verifica-se que o pai de Ponciá Vicêncio não morava na senzala, mas na casa-grande, assim verificamos na seguinte citação, aonde as reminiscências do passado escravocrata são bastantes cruéis.

Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade (EVARISTO, 2018, p.17).

Neste período, era comum nas casas-grandes coloniais os filhos dos senhores receberem de presente os meninos e meninas dos escravizados, para servir-lhe de “amigo-brinquedo”, uma criança escravizada de mesma idade e sexo. Gilberto Freyre em *Casa-grande e Senzala* pontua que, desse modo, “(crescem) juntos e o escravo torna-se um objeto sobre o qual o menino exerce os seus caprichos”, incluindo censura e punição (FREYRE, 2004, p. 419).

A narrativa necessita de alguma reflexão crítica, por isso faz-se necessário analisar algumas dessas atrocidades vivenciadas pelos negros na história, assim percebemos também ser provável que, o sinhozinho, provavelmente por verificar o comportamento agressivo do pai no gerenciamento com os escravizados, não tinha respeito e nem misericórdia por seu pajem. Vejamos esse trecho de *Ponciá Vicêncio*:

Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas (EVARISTO, 2018, p.17).

Esse tipo de crueldade permitiu que o pai da protagonista ficasse com mais repulsa do pai, o Vô Vicêncio. A criança negra jamais entenderia que a abolição foi, em essência, um arranjo político-econômico, permitindo assim que muitos senhores de terra criassem uma forma de doar um pedaço de terra ou um prato de comida aos chamados ex-escravos, como uma forma de continuar a explorar-lhes no trabalho, sem pagamento. Como vemos na reflexão do pai de Ponciá: “Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos?” (EVARISTO, 2018, p. 14).

Apesar disso, o coronelzinho quis diversificar seu “divertimento” e sondou uma curiosidade, talvez, ouvida antes sobre a falta de capacidade, qualificação e competência da aprendizagem do negro.

Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se o negro aprendia os sinais, as letras de branco, e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço certificou-se de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco? (EVARISTO, 2018, p.17-18).

Essa passagem faz-nos refletir sobre como os escravizados sentiram na pele o processo de servidão, além de terem sofridos todo e qualquer tipo de preconceito, além de ser tratados de forma desumana. Ainda que o intuito de o sinhô-moço fosse apenas testar a capacidade de literacia de um negro, o pai de Ponciá Vicêncio demonstrou ter condições de ir além da codificação e decodificação das letras. Grada Kilomba diz que, “a boca é uma metáfora para a posse. Fantasia-se que o sujeito negro quer possuir algo que pertence ao senhor branco[...] no racismo, a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial” (KILOMBA, 2020, p.34).

A ignorância prejudicou a todas as personagens da narrativa não somente o avô e o pai de Ponciá Vicêncio. Depois que a Lei Áurea foi assinada, o Coronel Vicêncio ofereceu um pedaço de terra para os negros estabelecerem moradia e ali plantar seus sustentos, mas “uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar” (EVARISTO, 2018, p. 42) nas terras dele. Realizar com esta obrigação custou ao negro iletrado a enganação pelo Coronel Vicêncio. Por essa razão, o narrador conta que a menina Ponciá:

Desde pequena, ouvia dizer também que as terras que o primeiro Vicêncio tinha dado para os negros como presente de libertação eram muito mais, e que pouco a pouco elas estavam sendo tomadas novamente pelos descendentes dele. Alguns negros, quando o Coronel lhe doou as terras, pediram-lhe que escrevesse o presente no papel e assinasse. Isto foi feito para uns. Estes exibiram aqueles papéis por algum tempo, até que um dia o próprio doador se ofereceu para guardar a assinatura-doação. Ele dizia que, na casa dos negros, o papel poderia rasgar, sumir, não sei mais o quê... Os negros entregaram, alguns desconfiados, outros não. O Coronel guardou os papéis e nunca mais a doação assinada voltou às mãos dos negros. Enquanto isso, as terras voltavam às mãos dos brancos. Brancos que se fizeram donos desde os passados tempos (EVARISTO, 2018, p. 53-54).

A história social tornou-se um assunto das relações raciais, pluralizando os objetos da investigação histórica. Por exemplo, na obra em estudo os afrodescendentes estavam “livres” pela Lei Áurea, mas aprisionados ao poder escravocrata do Coronel Vicêncio que, atuando dessa forma, achou uma maneira de fraudar a Lei e continuar sustentando o regime de escravidão em suas terras. Sobre esse tipo de narrativa, o pesquisador e historiador Hayden White afirma em **O texto histórico como artefato literário** que

[...] as narrativas históricas conseguem dar sentido a conjuntos de acontecimentos passados, além e acima de qualquer compreensão que forneçam, recorrendo a supostas leis causais mediante a exploração das similaridades metafóricas entre os conjuntos de acontecimentos reais e as estruturas convencionais das nossas ficções (WHITE, 1994, p. 108).

O verdadeiro patrimônio de Vô Vicêncio para sua neta Ponciá é a ancestralidade, ligação com seus antepassados. As vivências dos ancestrais africanos escravizados lesiona a vida dos personagens de *Ponciá Vicêncio* ainda hoje, refletindo assim o processo diaspórico. Evaristo proporciona ao leitor que estabeleça um diálogo entre o passado histórico e o presente das personagens para mostrar as reflexões da diáspora africana na vida dos negros.

Diante disso, “[...] precisamos de uma história que nos eduque para a descontinuidade de um modo como nunca se fez antes; pois a descontinuidade, a ruptura e o caos são o nosso destino” (WHITE, 1994, p.62). Se a narrativa histórica é o caminho de autoconhecimento de Ponciá, então é só através dela, e somente dela que a

voz da negritude vai se reconstruindo e assim passamos a conhecer a história pessoal da personagem.

Reflexões do discurso literário versus discurso histórico

Refletir acerca da oposição entre os discursos literários e os discursos históricos requer a tomada de uma posição por parte daqueles que se debruçam sobre essa matéria, assim consideramos ambas as formas de discurso como parte de uma narrativa. Por essa razão, convém mencionar que:

Dentre todas as formas narrativas que dominaram os últimos dois séculos, nenhuma parece ter tido mais prestígio intelectual, nem sofrido maior desgaste do que a narrativa histórica. Hayden White, escrevendo em 1966, diagnosticava a existência de uma "atual hostilidade contra a história", que ele atribuía ao caráter conservador da disciplina, cujos praticantes continuavam a propor a narrativa histórica como discurso produzido a partir de um plano médio e neutro, no qual se harmonizavam os procedimentos e pressupostos da arte (no caso, literatura) e da ciência (FRANCHETTI, 2002, p. 247).

É perceptível nos estudos analisados a necessidade de revisar alguns conceitos em virtude da relação entre discurso literário e discurso histórico. Em “Literatura e História”, verificamos que desde Aristóteles havia diferenças entre os acontecimentos históricos e acontecimentos ficcionais. Os historiadores tinham seus eventos observáveis e específicos no tempo e espaço em que aconteciam; enquanto os escritores imaginativos ocupavam-se dos mesmos eventos, porém de forma imaginativa, hipotética ou inventados.

Importante pontuar também que, a junção da história e da ficção revela-nos uma margem que separa e ao mesmo tempo une o real e o imaginado. A fim de compreender que essa margem traça tanto os elementos literários, quanto os elementos históricos permeiam a obra. Hayden White ainda sobre “O texto histórico como artefato literário”, define a narrativa histórica como “ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências” (WHITE 1994, p.98).

White mostra que o historiador trabalha e busca os fatos através de pesquisas e explicações reais, de modo diferente do ficcionista que narra mediante sua imaginação. Porém, a estrutura da narrativa histórica se relaciona à narrativa literária,

complementando-as. O autor sintetiza também que a estrutura da narrativa histórica não é só composta de acontecimentos reais, mas também pela determinação de um conjunto de acontecimentos. De acordo com o historiador, esses acontecimentos serão:

[...] convertidos em estória pela supressão ou subordinação de alguns deles e pelo realce de outros, por caracterização, repetição do motivo, variação do tom e do ponto de vista, estratégias descritivas alternativas e assim por diante – em suma, por todas as técnicas que normalmente se espera encontrar na urdidura do enredo de um romance ou de uma peça [...] (WHITE, 1994, p.100).

Diante disso, o historiador busca se embasar em coletas de dados e informações reais para produzir sua narrativa histórica, contudo terá que reorganizar esse tempo passado por meio de um texto em prosa, que tentará expor ao leitor a forma original dos momentos passados, valendo-se apenas de uma parte dela, ou seja, o original torna-se subdividido desde a escolha do historiador. Em suma, um mesmo fato histórico poderá ser contado e escrito de formas diferentes, gerando novas interpretações.

Ponciá é uma personagem que luta contra a exclusão de classe social, de gênero e racial. Ela é descendente de semiescravos, vive no povoado Vicêncio com sua família, além de carregar o sobrenome que recebeu dos donos das terras, como forma de apropriar e de apoderar dos negros libertos. Então, Ponciá não aceitava e, "não se acostumava ao próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante [...] sabia que o sobrenome dela não tinha vindo desde antes do avô de seu avô" (EVARISTO, 2017, p. 26).

Percebe-se que não há mudanças nos fatos históricos, e sim, há uma construção narrativa escolhida através dos fatos em destaque, ou seja, cria uma história dentro da história. Daí, entra a análise do estilo narrativo, a literatura como fonte, a obra literária como pertencente ao estudo da história, constituindo-se uma fonte, que não pode ser ignorada. Como revelado no excerto que segue:

[...] toda narrativa não é simplesmente um registro do que aconteceu na transição de um estado de coisas para outro, mas uma redescritção progressiva de conjuntos de eventos de maneira a dismantlar uma estrutura codificada num modo verbal no começo, a fim de justificar uma recodificação dele num outro modo final. Nisto consiste o “ponto médio” de todas as narrativas [...] (WHITE, 1994, p.115).

Os discursos literários dialogam com a história, produzindo uma leitura do contexto social e histórico nos quais as obras literárias são produzidas, para ter uma melhor compreensão do que o autor quer repassar, através de seu estilo literário. Entretanto, as orientações de cada pesquisador no ato de leitura são múltiplas. Importante salientar também que, a forma como o leitor entende e organiza os fatos dos acontecimentos reais ou imaginários é que proporciona sentido aos fatos e a compreensão do texto.

Na obra em estudo, Vô Vicêncio tem forte repercussão na vida da protagonista. O enredo evidencia com frequência a influência do passado no tempo presente, frisando o conteúdo negativo da ação escravocrata em questão. A história carrega ainda a denúncia de efeito negativo da diáspora decorrente do comércio de escravos repercutindo no tempo do romance sem sinais de enfraquecimento. Conceição Evaristo ressalta as marcas profundas da escravidão, por meio desse elo entre presente e passado preso em *Ponciá Vicêncio*.

Tempos e tempos atrás, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido ofertas dos antigos donos que alegavam ser presente de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do coronel Vicêncio. O coração de muitos regozijava, iam ser livres, ter moradia fora da fazenda, ter suas terras e seus plantios. Para alguns, Coronel Vicêncio parecia um pai, um senhor Deus. O tempo passava e ali estavam os antigos escravos, agora libertos pela “Lei Áurea”, os seus filhos, nascidos do “Ventre Livre” e os seus netos, que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda, sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno (EVARISTO, 2017, p. 42).

Dessa forma, o discurso literário pode ser diferenciado do discurso histórico não em sua totalidade, pois ambos se configuram em elementos típicos da narrativa histórica, mesclando personagens reais aos imaginados, misturando, deste modo, fatos reais e ficcionais, criando e recriando desde o seu olhar e de seu recorte no tempo uma nova perspectiva sobre o momento histórico, político e social.

Sejamos todos antirracistas

Silvio Luiz de Almeida estuda as relações raciais no Brasil e publicou, em 2018, o livro *Racismo estrutural*, que aborda uma discussão contemporânea com o objetivo de contribuir para a desconstrução de conceitos históricos que desenvolveram a construção das hierarquias raciais que estrutura a sociedade brasileira. A partir da perspectiva do autor

[...] uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus efeitos (ALMEIDA, 2021, p. 53).

O autor pontua que o racismo por ser processo estrutural, ele faz parte também do processo histórico e conduz os sujeitos a pensarem que ele é natural, encrudescido na estrutura social. Dessa forma não se pode compreender que o racismo faz parte apenas dos sistemas econômico e político, sua dinâmica está relacionada às peculiaridades de cada formação social.

Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas (ALMEIDA, 2021, p. 52).

Dialogando com as memórias do romance de Conceição Evaristo, percebemos que desde a antiguidade até a contemporaneidade, várias pessoas sempre foram afetadas pela prática da violência estrutural e simbólica do racismo, assim sendo subjugadas durante o período escravocrata, sendo forçadas a conviver com inúmeras injustiças sociais onde hoje são reconhecidas como uma grave violação dos direitos humanos.

Referindo-se aos afrodescendentes escravizados, a personagem Ponciá e seus familiares passaram a conviver nas terras do coronel Vicêncio sendo assim explorados em uma nova forma de escravidão, pois como expõe Evaristo (2018, p.70): “a cana, o café, o gado, toda a lavoura, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida”.

A filósofa Djamila Ribeiro destaca no seu livro *Pequeno Manual Antirracista* alguns dispositivos legais para entendermos a história do Brasil durante e após a

escavidão. Ela pontua que quando criança foi “ensinada que a população negra havia sido escrava e ponto, como se não tivesse existido uma vida anterior nas regiões de onde essas pessoas foram tiradas à força” (RIBEIRO, 2019, p.07). E ainda hoje, mesmo com as lutas e movimentos antirracistas, continuam silenciadas dessa forma. Complementando essa visão, a psicanalista Neusa Santos, autora de *Tornar-se negro: Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, afirma que, “a sociedade, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior” (SANTOS, 1983, p.19)

Destarte, o aporte teórico da pesquisa juntamente aos trechos citados do romance colabora para a significação do estudo e da pesquisa relacionando com outros acontecimentos da vida de Ponciá Vicêncio, para compreendermos um dos propósitos da narrativa histórica de Conceição Evaristo, que é mostrar, conforme a sua visão, o período escravocrata e oportunizar reflexões sobre as marcas profundas deste período nos afrodescendentes.

Sendo assim, Conceição Evaristo resgata, em sua obra, a “herança” deixada por Vô Vicêncio para a neta Ponciá, sendo que ele presenciou e sentiu no corpo as dores da escravidão, uma das principais temáticas do enredo e que remonta a conexão da neta com os seus ancestrais à medida que mesmo tendo nascido menina carrega os traços do avô e ainda a religiosidade dos seus antepassados. A herança, que é a recriação do avô em sua neta, mostra o resgate da história tão sofrida dos negros e negras pela história ficcional, e principalmente pela história oficial, além de uma mensagem de chamamento à luta antirracista, “[...] a história dos negros talvez. [...] bom que ela fosse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque, enquanto os sofrimentos estivessem vivos na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino” (EVARISTO, 2018, p.109).

Portanto, além de fazer abordagem da mulher negra que enfrenta um processo de diáspora para encontrar sua identidade, verificou-se também que apesar de Ponciá pouco falar, o seu corpo está sempre em atuação, principalmente com a ancestralidade do Vô Vicêncio. Com isso, White nos chama a atenção para uma mudança de direção para entendermos as diferenças no discurso ficcional e histórico, ou seja, fazendo uma reflexão não somente o que foi exposto na pesquisa, como também os processos

históricos ficcionais, ele diz: “Só uma consciência histórica pura pode de fato desafiar o mundo a cada segundo, pois somente a história serve de mediadora entre o que é e o que os homens acham que deveria ser, exercendo um efeito verdadeiramente humanizador.

Mas a história só pode servir para humanizar a experiência se permanecer sensível ao mundo mais geral do pensamento e da ação do qual procede e ao qual retorna. E, enquanto se recusa a usar os olhos que tanto a arte moderna quanto a ciência moderna lhe podem dar, “ela haverá de permanecer cega - cidadã de um mundo em que as pálidas sombras da memória em vão se debatem com a vida e com a liberdade do tempo presente” (WHITE, 1994, p.63). Lembrar, esquecer, silenciar são as formas que a protagonista encontra para conversar com seu leitor. Mesmo silenciada, o corpo de Ponciá fala, grita, exala a ancestralidade de seu avô.

Considerações finais

Com a pesquisa em questão, é possível perceber em *Ponciá Vicêncio* a falta de lugar social para os afrodescendentes, além de discutir a marginalização e discriminação do negro, consequências da escravidão e seus desdobramentos, aspectos sombrios e lamentável da história do Brasil. Ponciá Vicêncio carrega a força da ancestralidade e desequilibra o sujeito leitor já crente de que conhecia a historicidade do povo negro, a força dramática da narrativa, os medos e sonhos da menina, até mesmo os seus alheamentos, o sair de si como se uma força maior se ocupasse do corpo dela. Outro elemento reforçador do elo com os ancestrais no romance e da protagonista é o trabalho com o barro, uma arte que ela domina, expressando que sendo pó a ele regressará, fato que pode ser entendido até mesmo como metáfora do mundo cristão por fazer parte da narrativa bíblica acerca do mito fundante do mundo.

As memórias de um passado escravocrata em concordância com a ancestralidade africana são traços expostos na referida obra. Ao que parece, a autora Conceição Evaristo quer complementar o que Fanon disse: “Não sou escravo da escravidão que desumanizou meus país” (FANON, 2008, p. 190), isso expressa a impossibilidade de apagamento da memória de um dia para o outro das marcas que a escravidão deixou. Por essa razão, as relações criadas, as lembranças, vivências reais e imaginárias, entre o alheamento e a realidade, o trabalho do homem, o trabalho que nunca sobra nenhum dinheiro para que ela fosse visitar a mãe e o irmão, a vida inicial do irmão ao vir para a

cidade. Tudo ressignifica a dificuldade que o povo negro tem de se libertar das raízes de um passado escravagista no qual o corpo dos negros, incluindo a presença das mulheres exprime essa intencionalidade de mostrar como esses corpos foram tomados como coisas e isso não é para ser lido com arroubos sentimentais, afinal, o discurso literário posto no romance reescreve e reedita a história.

Cabe destacar que as nossas relações raciais estão interligadas a esse passado, que não se apagou por completo. Excluir as marcas das práticas escravocratas é possível a partir do entendimento profundo do nosso problema racial. O racismo é sempre estrutural, não é e nem pode ser tomado no romance de Conceição Evaristo como se uma prática recreativa, nem mesmo os desencontros do fluxo de consciência do narrador tem a função de entretenimento. Nesta perspectiva, a literatura negra de autoria feminina contribui para apresentar as dificuldades e descortinar a história por trás da situação atual, uma escravidão modernizada para as mulheres e homens pretos, conforme evidenciado na trajetória de Ponciá e do irmão dela ao chegarem na cidade. Portanto, Conceição Evaristo, no romance analisado intencionou tratar dessa travessia que liga os dois mundos e responder quem é Ponciá, a menina que herda do avô não só o nome, mas a alma, os gestos, a religiosidade do seu povo e também a habilidade para o trabalho com o barro e a água, o rio, apenas um elemento purificador e que não se deixa prender assim como o espírito que une passado e presente.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

CALVINO, Italo. *Assunto encerrado*: discursos sobre literatura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRANCHETTI, Paulo. História literária: um gênero em crise. *Semear: Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 247-264, 2002. Disponível em: <http://www.letas.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/7Sem_18.html>. Acesso em: 08 de junho de 2022.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49. ed. rev. São Paulo: Global, 2004.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In. BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Unesp, 2011. p. 39-63.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. Ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Editora USP. 1994.

PONCIÁ, PRESENT!: THE VOICE OF NEGRITUDE AND THE CUTTING OF THE SOCIAL HISTORY OF ITS ANCESTRALS

ABSTRACT

This article sought to discuss elements of ancestry and history by the black people in Conceição Evaristo's novel. For this, the work Ponciá Vicêncio was used, which reveals identity configurations in the post-slavery period, through the link between present and past and the symbolic representation of the ancestors of the character Ponciá. We have as theoretical support considerations about the historical novel, passing through Calvino (2009), Franchetti (2002), White (1994), Santos (1983), Almeida (2021), Kilomba (2020), Ribeiro (2019), among others. Thus, it was also found that although Ponciá doesn't speak much, her body is always in contact with Grandpa Vicêncio's ancestry.

Keywords: History, literature, Ponciá Vicêncio, ancestry.

Recebido em: 10/07/2022

Aprovado em: 05/11/2022